

# INTERNET: ARCABOUÇO MIDIÁTICO NA ERA DA FINANCEIRIZAÇÃO

Giovanni Alves\*

O desenvolvimento do ciberespaço na última década do século XX é um produto legítimo – e avançado – da Terceira Revolução Científico-Tecnológica. Ele é um dos importantes progressos no campo da comunicação informatizada, ou telemática, a partir dos anos 80, que contribuiu para impulsionar a mundialização do capital. Na verdade, a Internet se constituiu no arcabouço midiático de uma nova etapa do capitalismo mundial, cuja principal característica é o predomínio da financeirização.

Uma de nossas hipóteses é de que existe uma “afinidade eletiva” entre o avanço do ciberespaço e a lógica da financeirização, principal característica da nova etapa do capitalismo mundial.

Ao dizermos financeirização estamos nos referindo à vigência da plutocracia cosmopolita, à dominação dos mercados financeiros, com sua imensa massa de dinheiro volátil, cujo objetivo primordial é a rentabilidade imediata através de transações com papéis.<sup>1</sup>

Mas cabe salientar que a lógica do “capitalismo-cassino” não é meramente obra de capitalistas “parasitários”, que administram fundos de investimentos e participações – “especuladores” distantes da esfera produtiva da economia capitalista –, mas dos próprios capitalistas “produtivos”, aqueles que organizam a produção de mercadorias – bens e serviços –, que tendem a se curvar à lógica avassaladora da rentabilidade fictícia. Por isso, um dos maiores sinais da vigência da financeirização é dado pelo fato de que todas as corporações transnacionais – mesmo as tipicamente industriais – têm, em suas aplicações financeiras de lucros retidos

ou de caixa, um elemento central do processo de acumulação mundial de riqueza. Desse modo, os departamentos financeiros das corporações transnacionais vêm adquirindo maior importância estratégica que os de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D), a ponto de assumirem o perfil de bancos não-bancos, internos às empresas.<sup>2</sup>

Na verdade, surgiu nas últimas décadas do século XX um novo modo de definir, gerir e realizar riquezas no capitalismo. Desenvolveu-se um novo regime de acumulação do capital, denominado “regime de acumulação sob a dominância do capital financeiro”;<sup>3</sup> ou ainda, denominado por Harvey, “regime de acumulação flexível”.<sup>4</sup>

A elevação estrutural da financeirização como o novo espírito do capitalismo tardio tende a promover o império universal do dinheiro, com impactos significativos no plano sociocultural. Impõem-se, cada vez mais, como um traço da sociabilidade capitalista, a lógica usurária, as regras do “capitalismo-cassino”.<sup>5</sup>

Existem escassas análises sociológicas a respeito dos impactos do novo espírito do capitalismo tardio – o espírito da financeirização – sobre a dimensão da cultura moderna (um dos mais brilhantes – e raros – são as análises de Harvey que, no seu livro *A condição pós-moderna*, vinculou as mudanças culturais que ocorrem em nossa época a um novo regime de acumulação – a acumulação flexível).

O que tentaremos apresentar, neste breve ensaio, meramente introdutório, é a vinculação lógica (e estrutural) entre o novo regime de acumulação capitalista sob a dominância do capital financeiro e a constituição de um novo arcabouço midiático, a Internet, com impactos interessantes na esfera da sociabilidade capitalista.

\* Giovanni Alves é professor de sociologia da Unesp, *campus* de Marília.



É do nosso interesse destacar os vínculos estruturais entre a lógica (e ontologia) da forma-dinheiro, que se impõe, hoje, sobre todos nós, e a estrutura lógica (e tecnológica) do novo arcabouço midiático do capitalismo mundial: a Internet.

Na verdade, sob a era da financeirização, o que tende a prevalecer é a fórmula geral do capital parasitário: D-D'. Nas últimas décadas do século XX o capital financeiro fez do mundo sociocultural do capitalismo tardio a sua imagem e semelhança. Por isso, consideramos que o que veio a denominar-se “ciberespaço” pode ser considerado o arcabouço midiático adequado à era da financeirização. Ele traduz, no campo da sociabilidade capitalista, os principais traços da própria lógica da forma-dinheiro. Consideramos que ela – a Internet – expressa o rebatimento, no processo civilizatório capitalista, da forma-dinheiro, tal como tendeu a ser caracterizada por Marx em suas obras clássicas (principalmente *Grundrisse* e *O capital*).

#### □ CIBERESPAÇO COMO METÁFORA DO DINHEIRO

O desenvolvimento da informática e da telemática, ou seja, da comunicação informatizada, é uma das principais tendências da Terceira Revolução Tecnológica, atuante há mais de 25 anos. Desde os anos 60, como observou Lévy, pioneiros como D. Engelbart e J.C.R. Licklider haviam percebido todo o potencial social da comunicação por meio da rede de computadores.<sup>6</sup>

O fenômeno da Internet é apenas a “ponta do iceberg” de uma das maiores revoluções da comunicação e da informática que ocorre no final do século XX. A explosão da multimídia decorre de uma grande onda de fundo tecnológico que atinge a esfera da comunicação. Dados, textos, imagens, sons, mensagens de todos os tipos são digitalizados e, cada vez mais, diretamente produzidos sob forma digital. Por outra parte, os instrumentos de tratamento automático – e cibernético – da informação aplicam-se cada vez mais a essas mensagens. O estabelecimento de conexão telefônica entre terminais e memórias informatizadas e a extensão das redes digitais de transmissão ampliam, a cada dia, um ciberespaço mundial no qual todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um: “o atual curso dos

acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas”.<sup>7</sup>

No final dos anos 80, *pari passu* à “explosão” da financeirização, ao lado do “extraordinário desabrochamento e transformação dos mercados financeiros” (Harvey), os PC’s – *personal computer* – tornaram-se mais potentes e fáceis de utilizar, difundindo-se cada vez mais e diversificando-se o seu uso. Ao mesmo tempo, assistiu-se a um processo sem paralelo de interconexão de redes, que haviam de início crescido isoladamente, e de crescimento exponencial dos usuários da comunicação informatizada.

É a partir daí que constituiu-se o que veio a ser denominado de ciberespaço, a expressão palpável da “contração espaço-tempo” (Harvey). Surgiu uma cultura midiática que tendeu a reproduzir, em sua estrutura lógica (e tecnológica), as próprias características do “sujeito” impulsionador da nova etapa do capitalismo mundial – o capital-dinheiro.

Certo pesquisador do MIT observou que “a Internet é a metáfora de Deus”. Nós dizemos, pelo contrário, que a Internet é a própria metáfora do dinheiro. Deste modo, o ciberespaço aparece como o “meio” técnico adequado à nova cultura da financeirização cosmopolita (uma homologia estrutural entre instrumentos midiáticos e etapa de desenvolvimento capitalista pode ser verificada, por exemplo, numa observação de Adorno e Horkheimer no livro *Dialética do esclarecimento*, a respeito do rádio e telefone na era do capitalismo liberal). Por outra parte, a relação entre recursos tecnológicos e modo de reprodução social surgiu na análise materialista de Marx, quando vinculou, de algum modo, a máquina a vapor com o capitalismo industrial.

Mas cabe salientar que a lógica do “capitalismo-cassino” não é meramente obra de capitalistas “parasitários”, que administram fundos de investimentos e participações – “especuladores” distantes da esfera produtiva da economia capitalista –, mas dos próprios capitalistas “produtivos”, aqueles que organizam a produção de mercadorias – bens e serviços –, que tendem a se curvar à lógica avassaladora da rentabilidade fictícia.



## CIBERESPAÇO E FORMA-DINHEIRO

Através da fórmula geral do capital, apresentada por Marx – D-M-D' –, é possível perceber peculiaridades importantes do *capital-mercadoria* e do *capital-dinheiro*.

O fenômeno da Internet é apenas a "ponta do iceberg" de uma das maiores revoluções da comunicação e da informática que ocorre no final do século XX.

Enquanto que o capital-mercadoria (M) é o capital investido numa dada combinação de insumo-produto, visando o lucro: portanto, significando concretude, rigidez e um estreitamento ou fechamento das opções; o capital-dinheiro (D) significa, por outro lado, liquidez, flexibilidade e liberdade de escolha.<sup>8</sup> Essas são as características constitutivas do

capital-dinheiro, mas são, outrossim, as características intrínsecas do ciberespaço.

O ciberespaço, enquanto reflexo midiático da era do capital financeiro, incorpora os traços constituintes (e constitutivos) do capital-dinheiro: é fluido, partilhável, anônimo. É a própria antítese do território. Tal como o dinheiro, o ciberespaço não tem cheiro (nenhum indivíduo usuário da Internet, por mais mal-cheiroso que seja, pode marcar o ciberespaço com sua identidade e seus atos). Tal como o dinheiro, o ciberespaço não tem função econômica positiva a não ser por ser uma mídia privilegiada de circulação. Tal como o dinheiro, no plano econômico, tende o ciberespaço a ser o marcador, o vetor e o regulador de novas relações intersubjetivas (e econômicas). Por isso, compreendermos a natureza da forma-dinheiro significa compreendermos, de certo modo, a própria natureza do ciberespaço.

Uma homologia lógico-estrutural entre a *forma-dinheiro* e o *ciberespaço* pode ser percebida por tais observações de Lévy, um dos mais importantes analistas do ciberespaço em nossos dias. Diz ele:

O dinheiro não é a riqueza, mas sua virtualidade. Por paradoxal que isto possa parecer, ele é inapropriável, ou melhor, por sua incessante circulação, transforma o público em privado e o privado em público, fazendo cada um, e cada um diferentemente, participar da inteligência coletiva do mercado capitalista. O dinheiro pode ser evidentemente uma alavanca para o poder e a dominação mas catalisa igualmente forças

sociais desterritorializantes que não respeitam nenhuma hierarquia instituída. Através das fronteiras, apesar dos antagonismos, o dinheiro contribui, para o melhor e o pior, para coordenar, para regular sem autoridade central inumeráveis atividades. Arrastando atrás de si os meios de transporte e de comunicação, é de fato o dinheiro do mercado capitalista, nas mãos de bilhões de seres humanos, que tece atualmente a sociedade mundial.<sup>9</sup>

Ora, onde lê-se dinheiro, não poderíamos ler ciberespaço (ou Internet), o verdadeiro objeto das reflexões de Pierre Lévy?

Num autor como Marx, a análise do dinheiro adquire uma quase-obsessão. Desde os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, onde tece interessantes considerações sobre o dinheiro, até a sua obra *O capital*, de 1864, passando pelos *Grundrisse*, de 1857-1858, a análise da forma-dinheiro assume importância central nas reflexões marxianas.

Por exemplo, logo na Seção I de *O capital*, antes de chegar ao desvelamento do mecanismo da acumulação capitalista, Marx coloca como tarefa primordial a resolução do enigma do dinheiro, ou o que ele denomina "a ofuscante forma-dinheiro", considerada por ele como a verdadeira chave do "fetichismo da mercadoria", pois "o enigma do fetiche do dinheiro é, portanto, apenas o enigma do fetiche da mercadoria, tornando visível o ofuscante".<sup>10</sup> No próprio tópico 3, do capítulo 1, "A mercadoria", intitulado "A forma de valor ou valor de troca", Marx nos apresenta uma verdadeira ontologia da sociabilidade capitalista, mediada pelo processo de troca, onde o dinheiro possui uma função fundamental e fundante – ser a *mídia*, ou o meio de circulação da "imensa coleção de mercadorias", que





caracteriza riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista.

Na verdade, o dinheiro, a mercadoria universal, a representação do universal-concreto, a única mercadoria capaz de representar o papel de equivalente geral dentro do mundo das mercadorias e ser a encarnação direta de todo o trabalho humano, *aparece* – e apenas aparece – como o verdadeiro instaurador do ser humano-genérico, que surge, é claro, “estranhado” e submerso no mundo das “coisas”.

O dinheiro representaria, num nível superior, a própria dimensão contraditória do processo civilizatório: por um lado, matéria do estranhamento universal, obstáculo à instauração da verdadeira genericidade humana, e por outro, veículo do processo civilizatório capitalista, complexo e universal (o retrato do processo civilizatório do capital descrito por Marx no *Manifesto comunista* é clássico).

#### A FACE CONTRADITÓRIA DO CIBERESPAÇO

Não incorporaria o ciberespaço, em sua forma midiática, a estrutura lógica do dinheiro, como observou Lévy, não apenas em sua dimensão de negatividade – ser o portador do fetiche da mercadoria –, mas em sua dimensão de positividade – ser o meio constitutivo da sociabilidade universal –, mesmo que numa forma fetichizada?

Na verdade, eis a dimensão contraditória do processo civilizatório, intrínseca à própria natureza do capital, que, segundo Marx, é a própria “contradição viva”. O dinheiro, na medida em que é o marcador, o vetor do processo de troca, é o responsável pelo desenvolvimento da sociabilidade humana, mesmo que tal desenvolvimento humano-social ocorra no plano da “pré-história”.

Através do desenvolvimento da forma-dinheiro o ser social tende a adquirir novas percepções do devir humano. O impulso do comércio, através das trocas mercantis mediado pela moeda, contribuiu para impulsionar o complexo de relações sociais e dar uma nova direção do processo civilizatório. Ele contribuiu para o desenvolvimento de uma “sociabilidade cada vez mais social” (utilizando uma expressão de Lukács), apesar dela ocorrer de modo estranhado.

O ciberespaço é a mídia social cujo arcabouço lógico-material mais se aproxima da estrutura lógica da forma-dinheiro, incorporando, por isso, suas possibilidades objetivas instauradoras de novos modos de sociabilidade, de intercâmbio humano-social. Através dele pode-se constituir novas – e aprofundadas – percepções, tanto no aspecto quantitativo, como qualitativo, de informações, práticas sociais e inclusive de relacionamentos intersubjetivos.

Um dos principais exemplos da utilização do ciberespaço para novas práticas de contestação social é o da resistência social e política das ONGs às iniciativas neoliberais. É através da Internet que se organizam os novos movimentos sociais de contestação à globalização. A mais conhecida é a Ação Global dos Povos (People Global Action), que organizou, na última reunião da Organização Mundial do Comércio, em abril de 1998, em Genebra, na Suíça, um dos primeiros protestos globais contra a nova ordem capitalista.<sup>11</sup>

A divulgação na Internet dos acordos quase-secretos do Acordo Multilateral de Investimentos pela OCDE (o clube dos países capitalistas industrializados) contribuiu, em 1998, para a sua não-aprovação. O AMI era, segundo alguns analistas, a “constituição das corporações transnacionais a favor da ganância global e em detrimento da soberania dos Estados-nação”. Através da denúncia do conteúdo antidemocrático e antipopular do AMI na internet, as ONGs e o movimento social organizado de vários países conseguiram sensibilizar a opinião pública mundial e demonstraram que o ciberespaço pode ser um espaço de constituição de um novo patamar de solidariedade global (a utilização da Internet pelo EZLN-Exército Zapatista de Libertação Nacional é outro exemplo de utilização criativa do ciberespaço a serviço de novas práticas de transformação social).

Na verdade, o dinheiro, a mercadoria universal, a representação do universal-concreto, a única mercadoria capaz de representar o papel de equivalente geral dentro do mundo das mercadorias e ser a encarnação direta de todo o trabalho humano, *aparece* – e apenas aparece – como o verdadeiro instaurador do ser humano-genérico, que surge, é claro, “estranhado” e submerso no mundo das “coisas”.



Por sua vez, a proliferação de salas de bate-papos no ciberespaço, os *chats*, é o exemplo flagrante das novas possibilidades de relacionamentos intersubjetivos na Internet. Constituem-se novas percepções da comunicação humano-social. Surgem novos canais de aproximação com o *outro*, projetando, no campo da sociabilidade estranhada da vida cotidiana nas sociedades capitalistas, possibilidades novas – e apenas possibilidades – de termos a percepção do componente humano-genérico da comunicação intersubjetiva.

É claro que sob o ciberespaço pode-se reproduzir, sob novas cores, e com impressionante intensidade, o “fetichismo do outro”, tal como ocorre nas intersubjetividades cotidianas estranhadas. Mas o acirramento de novos nexos intersubjetivos no campo da sociabilidade capitalista tende a elevar a tensão humano-genérica, capaz de nos dar uma maior consciência cotidiana da miséria psicossocial da vida humana sob o mundo burguês.

Por isso, consideramos que o ciberespaço tende a abrir novos horizontes de percepção intercomunicativa, tal como o cinema, uma das mídias privilegiadas da modernidade. Benjamin, em seu ensaio “A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica”, de 1937, salientou que o cinema nos abriu pela primeira vez a experiência do inconsciente visual, tal como a psicanálise nos abriu a experiência do inconsciente instintivo.<sup>12</sup>

Perguntáramos: não abriria o ciberespaço a experiência do *inconsciente coletivo* (ou *humano-genérico*), mais do que de uma inteligência coletiva tão bem salientada por Lévy?

Nas salas de bate-papo que permeiam o ciberespaço, através dos *chats*, as subjetividades estranhadas tendem a ir além das suas incapacidades, destilando suas fantasias, projetando seus desejos, muitos deles inconscientes, e ocultando-se através de um *nick name* prosaico e singular.

Não seriam os bate-papos virtuais tão-somente a tradução midiática de uma das características ontológicas da forma-dinheiro, ou seja, a capacidade dele – o dinheiro – de transformar todas as nossas incapacidades em seus contrários?

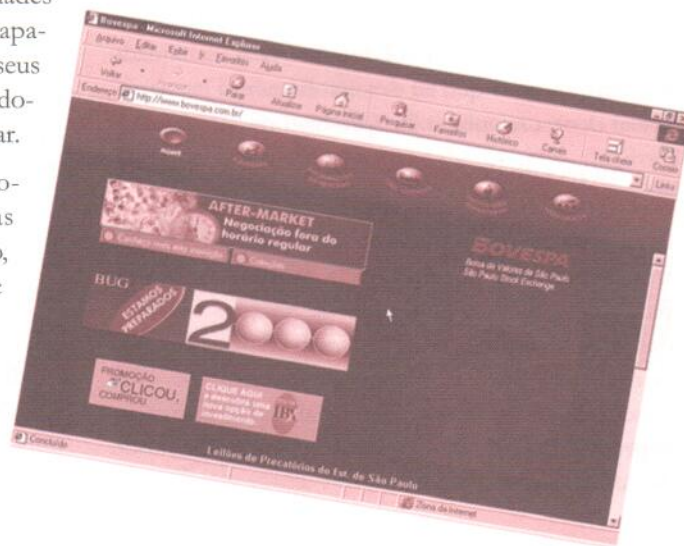
Disse Marx:

Aquilo que mediante o dinheiro é para mim, o que posso pagar, isto é, o que o dinheiro

pode comprar, isso sou eu, o possuidor do próprio dinheiro. Minha força é tão grande como a força do dinheiro. As qualidades do dinheiro – qualidades e forças essenciais – são minhas, de seu possuidor. O que eu sou e o que eu posso não são determinados de modo algum por minha individualidade. Sou feio, mas posso comprar a mais bela mulher. Portanto, não sou feio, pois o efeito da feiúra, sua força afugentadora, é aniquilado pelo dinheiro. Segundo minha individualidade sou inválido, mas o dinheiro me proporciona vinte e quatro pés, portanto não sou inválido; sou um homem mau, sem honra, sem caráter e sem espírito, mas o dinheiro é honrado e, portanto, também seu possuidor; o dinheiro é o bem supremo, logo, é bom o seu possuidor; o dinheiro poupa-me além disso o trabalho de ser desonesto, logo presume-se que sou honesto; sou estúpido, mas o dinheiro é o espírito real de todas as coisas, como poderia seu possuidor ser um estúpido? Além disso, seu possuidor pode comprar as pessoas inteligentes e quem tem o poder sobre os inteligentes não é mais inteligente do que o inteligente? Eu, que mediante o dinheiro posso tudo a que o coração humano aspira, não possuo todas as capacidades humanas? Não transforma meu dinheiro, então, todas as minhas incapacidades em seu contrário?<sup>13</sup>

Portanto, perguntáramos: não possuiria o bate-papo no ciberespaço a possibilidade virtual, tal como o dinheiro, de transformar todas as nossas incapacidades em seu contrário? Ou ainda, de projetarmos – tal como o *capital fictício*, que predomina na era da financeirização – tipos de personalidades “fictícias”, ocultadas por trás de um *nick name*?

Antes de uma mera possibilidade objetiva irrealizável nas condições da sociabilidade capitalista, não seria o ciberespaço uma realidade efetiva, ainda que





prenhe de fetichizações, capaz de instaurar novos nexos contraditórios na sociabilidade capitalista?

Quando dizemos ciberespaço dizemos um novo campo midiático onde irão se projetar as contradições sócio-humanas. É tolice cairmos nas unilateralidades, seja do otimismo tecnológico, seja do pessimismo luddista.

O ciberespaço é uma nova “lupa sócio-histórica” capaz de nos fazer perceber as imensas possibilidades de perda (e emancipação) humano-social, conduzidas pelo processo civilizatório do capital.

Existem no ciberespaço inúmeras possibilidades (e práticas efetivas) de subversão da lógica do valor de troca. Apesar de a Internet ser cada vez mais utilizada como um espaço de comercialização planetária, podemos perceber, com igual intensidade, que o *locus* de subversão do valor de troca – a pirataria avassaladora (que é a própria negação do direito autoral, ou da arte como mercadoria), a invasão dos *hackers* (com o ciberterrorismo) e a interface hiperdemocrática – tende a colocar impressionantes possibilidades de a modernidade mercantil ir além de si mesma. Por isso, não seria a Internet um dos campos midiáticos avançados capazes de conter possibilidades reais de “negação do sistema capitalista no interior do próprio sistema”?<sup>14</sup>

É claro que, tendo em vista que o desenvolvimento do ciberespaço ocorre sob a vigência do capital financeiro, a sua estrutura midiática tende a incorporar novos potenciais de fetichização, intrínsecos à forma-dinheiro. A Internet incorpora, de modo ofuscante, os complexos de estranhamentos vigentes sob as sociedades capitalistas.

O fetichismo do virtual é, por isso, a expressão da utilização dos recursos midiáticos para a consolidação e aprofundamento do próprio fetichismo da mercadoria, o estranhamento real intrínseco à sociabilidade capitalista. Ou melhor: o ciberespaço poderia expressar, refletir, e, portanto, dar uma nova direção à miríade de estranhamentos vigentes na sociedade capitalista.

É a partir desse campo midiático contraditório que surgem, com a mesma intensidade, mas em direção contrária, ao lado dos otimistas utópicos das novas tecnologias da comunicação cibernética, os críticos viscerais do ciberespaço, tal como Baudrillard, que salienta que “o mundo virtual não possui senso do outro. Não há espaço para originalidade. Vivemos

num consenso total”. Ou ainda: “Mais do que um espaço de conhecimento, é um espaço de desaparecimento, uma forma de perda por excesso que nos submerge.”<sup>15</sup>

Entretanto, enquanto mero arcabouço midiático, o ciberespaço apenas traduziria, em sua estrutura virtual, as misérias da sociabilidade capitalista. Não é o “mundo virtual” que não possui o senso do outro, e sim o “mundo real”, onde prolifera a sociabilidade capitalista. Não é a Internet que é “um espaço de desaparecimento”, mas é o cotidiano estranhado do mundo burguês. Desse modo, por que culpar o ciberespaço por “traduzir” algo que é apenas a natureza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista?

Na *Miséria da filosofia*, Marx, certa vez, criticando Proudhon, que dizia que a linguagem de Ricardo era cínica, observou:

Certamente, a linguagem de Ricardo não pode ser mais cínica. Pôr na mesma linha os gastos de fabricação de chapéus e os gastos de manutenção do homem significa transformar o homem em chapéu. Mas não gritemos tanto contra o cinismo. O cinismo está nas coisas e não nas palavras que exprimem as coisas.<sup>16</sup>

Na verdade, o cinismo do ciberespaço não é nada mais que o cinismo da sociedade burguesa. Ela – a Internet – tenderá a expressar, através do novo arcabouço midiático, o vazio espiritual e cultural do mundo capitalista. E não apenas espiritual e cultural, mas um vazio político.

Por exemplo, não seria a “brincadeira” inocente de internautas criativos que constroem “países virtuais”, tal como o “Global State of Waveland”, o “Estado virtual” dos ecologistas do Greenpeace, com uma “cidadania virtual”, um sintoma do esvaziamento da democracia real sob as condições capitalistas modernas?

Na verdade, a instauração de um recurso midiático tal como o ciberespaço, imagem e semelhança do “sujeito” capital-dinheiro, tenderá a

Quando dizemos ciberespaço dizemos um novo campo midiático onde irão se projetar as contradições sócio-humanas. É tolice cairmos nas unilateralidades, seja do otimismo tecnológico, seja do pessimismo luddista.





Se o jovem Marx partiu da crítica da religião para a crítica da economia política, como um importante passo para o desvelamento do enigma do dinheiro e, portanto, dos mecanismos de acumulação do capital, um importante passo para nós, hoje, em nossos dias, seria, a partir da crítica da forma-mercadoria, da qual o próprio dinheiro é sua expressão universal, desenvolvermos a crítica da cultura tecnológica, onde, no caso da Internet, tende a incorporar e ser a materialização da forma-dinheiro, não apenas com todas as suas manifestações negativas de fetichizações, mas de realidades (e possibilidades) de denúncia da miséria capitalista e de realização, mesmo que incompleta, da essência humano-genérica.

expor em toda a sua crueza as relações sociais vigentes sob o capitalismo. Desvendará novos caminhos para a crítica do estranhamento cotidiano, dando-nos percepções de possibilidades negadas pelas relações capitalistas de produção da vida material. A Internet tenderá a anunciar as promessas não-cumpridas – e frustradas – pelo processo civilizatório do capital.

Portanto, ela – Internet –, parafraseando ainda Marx, na *Crítica à filosofia do direito de Hegel* (1843), não seria a “fantástica realização da essência humana”, uma essência humano-genérica que surge mistificada pela natureza virtual, exatamente “porque a essência humana não possui uma verdadeira realidade”?

Dizendo mais, poderíamos afirmar que a Internet não seria, tal como Marx considerou a religião, a “teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica sob forma popular” (ou diríamos, sob forma tecnológico-cibernética)?

Ou ainda, não seria o suposto cinismo da Internet, tal como a miséria religiosa, a expressão do cinismo e da miséria real e, de outro, o protesto contra o cinismo e a miséria real? Marx salientou: “A religião é o suspiro da criatura aflita, o estado de ânimo de um mundo sem coação, porque é o espírito da situação sem espírito [...]”<sup>17</sup>

Não poderíamos dizer o mesmo do ciberespaço?

## NOTAS

- 1 José Carlos de Souza Braga, “A financeirização da riqueza no capitalismo”, em *Economia e Sociedade*, Campinas, IE/Unicamp.
- 2 José Carlos de Souza Braga, “A financeirização da riqueza no capitalismo”, cit., p.26.
- 3 François Chesnais, *A mundialização do capital* (São Paulo: Editora Xamã, 1994).
- 4 David Harvey, *A condição pós-moderna* (São Paulo: Editora Loyola, 1990).
- 5 Robert Kurz, *Os últimos combates* (Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1996).
- 6 Pierre Lévy, *A inteligência coletiva* (São Paulo: Editora Loyola, 1998).
- 7 Pierre Lévy, *O que é o virtual* (São Paulo: Editora 34, 1996).
- 8 Giovanni Arrighi, *O longo século XX* (São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Unesp/Editora Contraponto/, 1993).
- 9 Pierre Lévy, *O que é o virtual*, cit., p. 126.
- 10 Karl Marx, *O capital – crítica da economia política* (São Paulo: Editora Abril, 1983), p.53.
- 11 Ver o site <http://www.pga.org>
- 12 Walter Benjamin, “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, *Obras escolhidas*, volume I (São Paulo: Brasiliense, 1997), p. 69.
- 13 Karl Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* (São Paulo: Editora Abril, 1983), p. 30.
- 14 Ruy Fausto, *Marx – Lógica & política*, vol. II (São Paulo: Editora Brasiliense, 1988), p. 286.
- 15 Jean Baudrillard, Entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19-2-1998.
- 16 Karl Marx, *Miséria da filosofia* (Lisboa: Editora Escorpião, s/d), p. 41.
- 17 Karl Marx, “Introdução à Crítica da filosofia do direito de Hegel”, em *Temas de Ciências Humanas*, n° 2, São Paulo, Grijalbo, 1977, p. 1.